



# IV SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Educação Pública em Tempos de Reformas”

Dourados - MS, de 09 a 11 de Setembro de 2019

## ERA UMA VEZ...COMO A CONTAÇÃ DE HISTÓRIAS CONTRIBUI NA FORMAÇÃO DE SUJEITOS LEITORES, CRÍTICOS E CRIATIVOS

Nilva Alves de MOURA (UFMS/CPAN)<sup>1</sup>

Leandro Costa VIEIRA (UFMS/CPAN)<sup>2</sup>

**Eixo Temático:** Formação Inicial do Professor

### RESUMO:

Esta pesquisa pretende refletir sobre a contribuição da contação de histórias no ensino/aprendizagem e a prática da leitura literária nas escolas nos anos iniciais com ênfase na formação de leitores autônomos, a partir da análise bibliográfica de diferentes pesquisadores, os quais discutem sobre os desafios da mediação literária no contexto da educação infantil aos primeiros anos do ensino fundamental. A expectativa é investigar como a escola se posiciona diante da responsabilidade de mediar e formar leitores. Meu questionamento é: A contação de histórias pode ser uma estratégia de auxílio na promoção da afetividade e do protagonismo dos alunos na sua relação com os textos literários? Assim este estudo espera debater sobre a importância da contação de história na mediação literária e sua permanência como um hábito contínuo e autônomo na vida dos futuros sujeitos leitores para além das salas de aula.

**Palavras-chave:** Contação de histórias. Mediação em leitura. Autonomia literária

### Era uma vez...

O motivo disparador para a realização desta pesquisa está diretamente relacionado à trajetória de formação profissional de sua autora e a uma busca pessoal por caminhos para fomentar a contação de histórias e a mediação literária no ambiente escolar e para além deste.

Nilva Moura, produtora rural, com formação técnica em contabilidade e técnica em Educação Infantil, atuou durante muitos anos junto as ações interdisciplinares da escola de seus filhos na zona rural. A partir da observação cotidiana enquanto mãe participante e atuante na escola e das descobertas realizadas com sua vivência dentro

desse ambiente escolar, sobre a realidade da leitura literária nesta e em outras diversas instituições de ensino.

Desde o início, a inquietava perceber a ausência da contação de histórias e a repetição de repertórios literários e as dificuldades e limitações de muitos educadores em inovar suas práticas de mediação de leitura. E assim a sua curiosidade transforma essa simples trabalhadora rural numa investigadora do tema por conta própria, muito antes de ter decidido cursar Pedagogia na UFMS-CPAN. Um ano antes de ingressar na universidade ela conclui o curso Normal Médio – Técnico em Educação Infantil – para se aproximar ainda mais deste ambiente que agora é seu foco de pesquisa. Observou que crianças e jovens conviviam num ambiente de práticas muito formais e engessadas de promoção de leitura, visto que muito de seus educadores ou mediadores não possuíam uma relação afetiva com o ato de ler ou contar histórias, isto devido ao fato desses mesmos educadores não terem a oportunidade de descobrir ainda na escola potenciais para lidar com a leitura a partir do prazer, desta forma também não eram capazes de encantar seus alunos/leitores.

E assim nessas visitas cada vez mais constantes as escolas, passou a perceber cada vez mais que os desafios da contação de histórias para o fim de mediação literária representava uma realidade comum na maioria delas. As formas de mediar a leitura eram repetitivas e pouco originais, muitos educadores não liam e não tinham conhecimento a respeito de autores contemporâneos de literatura infanto-juvenil brasileira, e quem não tem prazer por determinado assunto não consegue transmitir ou instigar outros ao prazer daquele determinado assunto.

Esse desafio tornou se um projeto de vida para Nilva Moura. Há cinco anos, ela dedicasse quase que integralmente a sua pesquisa e estudo sobre a Contação de Histórias e Mediação de leitura. Um compromisso feito com coração, para tanto ela fez o curso A arte de contar Histórias (SENAC), o curso de Contação de Histórias (ABELINE), o curso de extensão em Mediação de Leitura (Fundação Demócrito Rocha-Universidade aberta do Nordeste ), o curso de Extensão em Artes visuais para a Educação Infantil( Faculdade Sul Mineira), entre outros aqui não citados. Tudo isto para melhor poder compreender e atuar de forma coerente junto a suas intervenções com contação de histórias e mediação literária.

No mundo moderno, tudo acontece com muita rapidez, por todos os lados e de todas as formas possíveis. Isto devido aos inúmeros meios tecnológicos de

comunicação, que ao mesmo tempo em que amplia os horizontes, tornam nossas crianças cativas de aparelhos que apenas reproduzem notícias, que por muitas vezes não agregam valor algum a suas vivências. Devido a isto as histórias e os livros estão cada vez mais deixados de lado e esquecidos, criando um desafio cada vez maior aos professores, o de alimentar e trabalhar nas crianças em idade escolar, o gosto pela leitura.

De acordo com Abramovich (1997), Vygotsky (1998), Ziberman (2003), entre outros teóricos, a contação de histórias é um valioso instrumento de auxílio à prática pedagógica de professores desde a educação infantil e perpassando demais etapas do ensino básico. A contação de história instiga a criatividade, a imaginação, a oralidade e ainda incentiva o gosto pela leitura, assim como contribui na formação da personalidade da criança.

A contação de história como participante das práxis pedagógicas não pretende desconfigurar sua função de apresentar beleza, sensibilidade, prazer, mas sim mostrar que o caráter artístico desta linguagem pode servir de elo no processo de ensino/aprendizagem e gosto pela leitura, desta forma ela pode auxiliar a práxis e manter seu valor estético/artístico. A contação de história é uma arte lendária, desenvolvida desde os tempos mais remotos por aqueles que nos precederam. Esta arte reúne pessoas em torno de mensagens, conhecimento e informação desde o tempo onde apenas a oralidade era possível. As histórias aproximam pessoas, desvendam mistérios, compartilham aventuras, medos, angústias e finais felizes. Quando nos reunimos em torno de um contador de histórias, compartilhamos sentimentos, nos tornamos sensíveis aos sonhos alheios e dividimos não apenas um espaço, mas as imagens, os pensamentos e as emoções.

Assim podemos dizer que o mundo é um livro em permanente processo de escrita, gestualidade, sonoridade. No mundo escrevemos e inscrevemos o oral, o verbal (e também o não verbal) e o visual. Nós codificamos o mundo pelos sinais, pelos signos comunicantes. O mundo é um livro que precisa ser lido, entendido, decodificado, comunicado, informado, noticiado. E é na cultura e pela cultura que nós inventamos o mundo, que nós o escrevemos, e o construímos simbolicamente. E se inventamos o mundo pela cultura, é por ela e com os olhos dessa cultura, que lemos o mundo e seus mistérios. Segundo Torres e Tettamanzy (2008):

Antes da escrita, todo saber era transmitido oralmente. Deve-se a isto toda importância dada à memória nas sociedades tradicionais, pois a memória era o único recurso para armazenar e transmitir o conhecimento às futuras

gerações. O ato de contar histórias remete a este tempo em que o homem confiava na sua memória e nas suas experiências, resgatando qualidades tão necessárias ao conhecimento humano. (TORRES e TETAMMANZY, 2008, p. 02).

Dessa forma além de a leitura ser um condicionamento cultural, a cultura também é uma leitura, uma interpretação, um processo de entendimento. É a cultura que nomeia o mundo e suas coisas. Nomear é criar sentidos culturais para as coisas do mundo. A contação de histórias lida com o imaginário, o antropólogo François Laplantine (1997) traz uma excelente reflexão sobre o que é imaginário, para ele, trata-se de um processo humano de criação de imagens, de modelos criados pela mente humana. Transmitido de geração a geração e utilizado como memória e tradição de um povo, o imaginário de tanto representar um sentido, confirma e valida esse sentido no imaginário coletivo. Para ele, o imaginário é mais real do que o real, porque faz parte da memória de um povo e não se perde, sendo continuamente renovado, adaptando-se aos mais diversos contextos.

A contação de histórias como ação educativa, assunto investigado nesta pesquisa, justifica-se por ser esta prática considerada como uma ferramenta pedagógica que serve como auxílio ao ensino e à aprendizagem dos conteúdos escolares e a formação de novos leitores. É através da sedução e do encantamento provenientes das histórias que ocorre o envolvimento dos alunos e, conseqüentemente, o desenvolvimento de funções intelectuais, como por exemplo: atenção, memória, abstração, capacidade de comparar e diferenciar (Vygotsky, 1998). Para ilustrar o que Vygotsky diz sobre a capacidade que a contação de histórias tem de desenvolver as funções intelectuais da criança, levando-a a abstração e a comparação, descrevo aqui dois episódios em que certa vez numa de minhas intervenções com contação de histórias em uma escola, onde depois de contar pela segunda vez a mesma história, um menino me pediu pra repetir novamente a mesma história, indaguei-o pelo qual motivo ele queria a mesma história e ele me respondeu: Porque nessa história você conta sobre a floresta do fedor e eu nem consegui sentir o cheiro ainda, porque o cheiro que tem lá perto de casa ainda nem saiu do meu nariz...será que essa floresta fica perto lá de casa? O menino morava próximo ao lixão da cidade, ou ainda uma certa vez quando levei um livro onde todo ele era também escrito em Braille e todas as crianças ficaram encantadas não só com a história, mas também em saber que crianças cegas também podem ler através de como elas diziam: "pontinhos", alguns dias depois um aluno me trouxe uma folha e disse:

“professora olha só escrevi uma história sobre meu cachorro lulu pra quando eu tiver um amigo cego ele poder ler, e me entregou uma folha toda cheia de “furinhos” e me contou a história do lulu passando os dedinhos nas linhas da folha.

O estudo traz a contação de histórias como uma forma para a melhoria da qualidade educacional, pois a prática dessa atividade nas várias áreas do saber, proporciona um envolvimento maior do professor com o aluno.

Sendo assim, a contação de histórias é de suma importância para que a criança compreenda e respeite as especificidades de cada um e a intencionalidade que a história possui e quer transmitir.

Chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, da sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta (ABRAMOVICH, 1997, p.37).

Pode-se então perceber que são inúmeras as possibilidades que o uso da contação de histórias em sala de aula propicia, além de divertir, elas atingem outros objetivos, como educar, instruir, socializar, desenvolver a inteligência e a sensibilidade.

Considerando as diferenças de cada sujeito, as Diretrizes Curriculares Nacionais (2009), trazem uma concepção de criança multifacetada, que questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. Dessa forma as instituições escolares devem proporcionar as crianças saberes e experiências de forma lúdica e prazerosa através de diversas formas e em meio às diversas linguagens. Nesse contexto, a contação de histórias proporcionará um papel fundamental e instigador para uma aprendizagem satisfatória.

Na escola podemos contar histórias para abordar um assunto específico, mas, nesse caso todo cuidado é pouco pois essa prática não pode se tornar didática demais e causar enfado nos ouvintes ou tirar o prazer da atividade. O contador de histórias precisa ter sempre em mente o que pretende e quais passos irá seguir para a realização de seus objetivos.

A escola é um espaço privilegiado, onde serão propostos desafios que abrirão portas para a mente humana em caminho à socialização e aprendizagem. É importante ter em mente que seja oferecida a criança pequena doses diárias de uma agradável contação de histórias, sem coagir, mas com naturalidade, desenvolvendo assim um hábito que poderá acompanhá-la por toda a sua vida.

Segundo Meirelles (1979), A contação de histórias é uma arte das mais antigas, remontando historicamente à antiguidade greco-romana, na figura dos bardos, responsáveis pela transmissão de histórias, lendas e poemas orais na forma de canções. Quanto mais desconhecido o mundo em que se vivia, maior necessidade se tinha de povoar este universo com imagens que pudessem, ao mesmo tempo, educar e fortalecer a coragem, predispondo as pessoas a enfrentarem os monstros, dragões e demônios que habitavam suas mentes.

O contador de histórias não é um mero reproduzidor de narrativas, ele também gera seus relatos, de acordo com a reação psicológica dos ouvintes se isto for necessário ou conveniente. Conforme a disponibilidade ambiental, ele improvisa e amplia seus contos, tendo como principal instrumento a palavra, que detém o poder de transformar o comportamento humano.

O narrador, para melhor instrumentalizar as palavras, domina mesmo que inconscientemente, boa parte das figuras de linguagem, de sintaxe e de pensamento, possibilitando ao contador, antigamente uma pessoa mais velha e sábia, magnetizar seus ouvintes, despertando no ambiente o poder da imaginação, tecida com uma linguagem encantada, apta a transportar as pessoas para reinos distantes e, de outra forma inacessíveis. Hoje em dia o contador de histórias reaparece com outras características, e esta ocupação começa a deixar as mãos de amadores para seguir na direção da profissionalização, pois há uma demanda crescente por esse profissional, principalmente nas escolas. Algumas destas instituições chegam a reservar um espaço no currículo escolar para este evento. As vezes até mesmo professores e bibliotecários são preparados para exercerem esta tarefa no âmbito escolar.

As crianças que ouvem histórias são expostas a inúmeras novas palavras. Elas podem até não saber o significado de cada uma, mas ouvir ou ler uma história ajuda-as a entender o significado das palavras através do contexto. Ao desenvolver uma lista de vocabulário baseadas na história, o professor aproveita a curiosidade natural das crianças para entender a obra, e as motiva a consultarem um dicionário ou usar as novas palavras em suas próprias narrativas. A narrativa ajuda a melhorar as habilidades de comunicação oral dos alunos. Uma vez que eles tenham ouvido uma história, geralmente ficam ansiosos para discutir sua compreensão e relacioná-la a experiências. Histórias são inerentemente parte da experiência humana, em qualquer idioma. Contar histórias é um ponto comum entre todas as culturas do mundo,

independentemente das taxas de alfabetização. Contar histórias não requer um vocabulário técnico complexo. Uma narrativa sofisticada pode ser entendida com poucas palavras, e isto se faz mais fácil devido ao fato de as crianças habitarem naturalmente os mundos da fantasia, e as histórias são um meio natural para expressar linguagem e emoção.

Proporcionar às crianças o convívio com práticas sociais de leitura e escrita é tarefa do/a professor/a, priorizando a diversidade de gêneros textuais, entre eles o literário. Percival Lemes Britto (2005), ao trazer a discussão sobre a leitura e escrita na educação infantil, destaca que mais importante do que ler com os olhos e escrever com as mãos, neste momento, é importante proporcionar à criança uma leitura pelos ouvidos e uma escrita pela boca. O professor escriba transcreve a produção autoral de sua criança e a esse mesmo professor cabe a tarefa da leitura compartilhada.

O letramento literário, por sua vez, pressupõe a inserção do leitor em práticas sociais de leitura e escrita da palavra literária e a instituição educativa é, ou deveria ser, um dos lugares privilegiados para esse fim e responsável por esse contato. Como destaca Rildo Cosson (2009, p.23).

[...]devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesmo que mais nega do que confirma seu poder de humanização.

Cosson(2009) traz à cena, em sua reflexão, uma prática muito comum na escola: a utilização do texto literário como mero pretexto para ensinar aspectos gramaticais relativos à estrutura das palavras, deixando de lado a sua fruição estética e o seu poder humanizador, ou seja, aquilo que Candido(2004, p.180) se refere como os traços essenciais ao ser humano: “o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor”.

Magda Soares (2008) diz que é necessário estar atento aos aspectos que podem favorecer a continuidade de práticas de mediação limitantes, como a já citada fragmentação dos textos literários e sua transferência para os livros

didáticos, o que, por consequência, restringe a liberdade e a capacidade interpretativa do leitor/estudante.

Annie Rouxel (2012), ao analisar as dimensões subjetivas da leitura, ressalta que as práticas escolares sempre excluíram o estudante da condição de sujeito, cabendo a este a tarefa de dar sentidos aos conteúdos eleitos pelo sistema educacional como sendo a parte fundamental a ser interpretada. Submisso ao que a escola deseja, o estudante/leitor se vê com poucas chances de manifestar-se.

Haverá saída para que a escola contemporânea consiga restabelecer “o sujeito leitor no coração da leitura”, assim acolhendo na sala de aula suas reações? pergunta e responde Rouxel (2012):

Toda verdadeira experiência de leitura envolve a totalidade do ser. As pesquisas contemporâneas sobre leitura - Bayard, Clément, Jouve, Langalde – mostram que ela não se reduz a uma atitude cognitiva e que o processo de elaboração semântica enraíza-se na experiência do sujeito. [...] é o leitor que completa o texto e lhe imprime sua forma singular.

Para Silveira (2012), a leitura, enquanto prática concebida simbólica e socialmente, “se exhibe tal qual um espelho da experiência humana, definindo-a e dando-lhe forma”. O leitor autônomo é aquele que se torna capaz de construir sentidos e imprimir marcas interpretativas acerca do texto que leu. “O leitor é um viajante que desvenda ao longo do processo de leitura os sentidos, os significados, as múltiplas variantes interpretativas que a obra lhe oferece.

A arte de contar histórias nas instituições escolares visa o desenvolvimento da leitura, e é por meio dessa prática que se tem a intenção de dar incentivo ao ato de ler, proporcionando aos alunos o encontro com o texto literário, visando que a narrativa envolvente dos contos possa aguçar-lhes o desejo pela leitura de outras histórias, outros livros, contribuindo dessa forma, para que se tornem leitores eficazes, abertos à troca de ideias com seus colegas, com professores e familiares, num ato dialógico, importante para o convívio em sociedade. Assim como proposto pelas Diretrizes Curriculares, que trata o aprendizado da leitura como fator indispensável ao desenvolvimento humano.

Na Educação Infantil, a leitura, a narração oral feita pelo professor é uma atividade rotineira, acontece quase todos os dias. O conto de fadas está presente pelo menos três vezes por semana; outros recursos são utilizados, como, áudio, vídeo e, as crianças também contam suas histórias ou recontam as que ouviram. É um trabalho interativo de desenvolvimento da linguagem, que permite à criança observação a ação do narrador, como ele gesticula, muda de voz, faz caretas, olha nos olhos, improvisa (FONSECA, 2013, p.148-149).

Para Bettelheim (2009), as histórias representam, de forma imaginativa, aquilo em que consiste o processo sadio de desenvolvimento humano. O conto não poderia ter seu impacto psicológico sobre a criança se não fosse primeiro e antes de tudo uma obra de arte.

As histórias devem ter nascido com o homem, no momento em que ele sentiu necessidade de contar aos outros alguma experiência sua, que poderia ter significado para todos:

Há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimentos, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem – se ficarem quietos, conto uma história, se isso, se aquilo...- quando o inverso que funciona. A história aquieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa. (COELHO, 1999, p.12).

Para Abramovich (1989), a importância de se contar histórias para crianças reside no fato de que escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, é também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar as questões (como as personagens fizeram...).

Percebe-se que a contação de histórias é de extrema importância nos anos iniciais, a criança que é incentivada e gosta de ouvir e ler histórias será com certeza um adulto diferenciado:

A vida é com frequência desconcertante para a criança, ela necessita mais ainda que lhe seja dada a oportunidade de entender a si própria nesse mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. Para que possa fazê-lo, precisa que a ajudem a dar um sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de ideias sobre como colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso poder criar ordem na sua vida. (BETTELHEIM, 2009, p.13).

Segundo Abramovich (1989), é através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica...É

ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo...

A contação de histórias, além de apresentar o mundo, oferece à criança um sentimento de pertença à cultura e à família, nos aproximamos afetivamente dela: na entonação da voz, na escolha de uma história que consideramos interessante, além de apresentar o mundo em toda sua complexidade. Gillig (1999) destaca que os pedagogos que trabalham ou trabalharam na escola infantil sabem a importância da hora do conto para as crianças pequenas e conhecem o fascínio que podem exercer sobre elas através desta atividade.

O contador de histórias deve estar disposto a criar uma cumplicidade entre a história e o ouvinte, oferecendo espaços para a criança se envolver e não pode nunca ser um repetidor mecânico do texto que ele escolheu contar:

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes...Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção...Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras...Contar histórias é uma arte...e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro...Ela é o uso simples e harmônico da voz. (ABRAMOVICH, 1989, p.18).

Abramovich (1989), coloca ainda que, contar histórias é uma arte, que não pode ser feita de qualquer jeito, pegando qualquer livro, sem nenhum preparo. E quando isso acontece a criança logo percebe que o narrador não está familiarizado com a história e existe uma grande chance de no meio da história o narrador empacar ao pronunciar alguma palavra, fazer as pausas nos momentos errados e perder o rumo da história.

Coelho completa: Estudar uma história é, em primeiro lugar, divertir-se com ela, captar a mensagem que nela está implícita e, em seguida, após algumas leituras, identificar os elementos essenciais. (1999, p.21).

Na hora do conto, o professor deve ser capaz de transformar o clima em mágico, fazendo com que o aluno, de uma forma descontraída, concentre-se e consiga descobrir outros tempos, lugares e culturas.

Ah, é bom saber começar o momento da contação, talvez do melhor jeito que as histórias sempre começaram, através da senha mágica “Era uma vez...”, ou qualquer outra forma que agrade ao contador e aos ouvintes...Ah, e segurar o escutador desde o início, pois se ele se desinteressa de cara, não vai ser na metade ou quase no finalzinho

que vai mergulhar...Ah, não precisa ter pressa em acabar, ao contrário, ir curtindo o ritmo e tempo que cada narrativa pede e até exige...E é bom saber dizer que a história acabou de um jeito especial: Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra...Ou com outro refrão que faça parte do jogo cúmplice entre a criança e o narrador...(ABRAMOVICH, 1989, p.21-22).

### **Considerações finais**

Sendo assim, com esta pesquisa e observação percebe-se como é importante o professor saber transformar o clima para poder transportar os alunos para um mundo mágico, inacreditável, pode perceber como as crianças que já tem essa oportunidade de participar de contações de histórias se portam no momento em que sabem que vai começar a contação, elas se organizam de maneira que todos possam ouvir e ver o contador de histórias e as mesmas pedem para que um ou outro colega faça o silêncio necessário para a atividade poder fluir de forma que todos possam aproveitar, e após a contação uma comenta com a outra sobre as partes da história e recontam cada qual com as sutis peculiaridades percebidas e criadas por elas próprias. E é aí que se pode perceber como as histórias penetram em seus corações, sem forçar, inundando devagar e sorratamente como as noites dos contos de fada. E esta situação se faz presente devido ao clima criado, durante outras apresentações, nas quais pude fazê-los perceber que a atividade ali desenvolvida seria e será todas as vezes que acontecer de natureza extraordinária e única, mesmo que seja a mesma história sempre será especial.

Fazer essas intervenções com contação de história trouxe a pesquisadora uma oportunidade única de poder vivenciar momentos ímpares do cotidiano escolar, e isto a levou a concluir que se nossas crianças não tem o hábito da leitura de uma forma mais constante em suas vidas isto também se deve ao fato de que a escola pouco colabora para essa prática, pois apresenta essa atividade de forma engessada e com nenhum atrativo, fazendo dessa prática uma atividade sem nenhum prazer, quando se esta atividade fosse proporcionada aos alunos de maneira que propiciasse a eles fruição e estética, todos com certeza teriam prazer na atividade de leitura, e uma das formas mais prazerosa para que isso aconteça é através da contação de histórias. A contação de histórias é uma prática pedagógica das mais encantadoras e realmente tem a capacidade de arrebatá-los para sempre as crianças para o mundo literário.

### **REFERÊNCIAS:**

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: **Gostosuras e bobices**. 4º ed., São Paulo: Scipione, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2009.

BRITTO, L.P.L. Letramento e alfabetização: implicações para a educação infantil. In: FARIA, A.L.G.; MELLO, S.A.(Orgs.) **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.p.05-21.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1999.

COSSON, Rildo. **A prática do letramento literário em sala**. In: GOLÇALVES, Adair Vieira;PINHEIRO, Alexandra Santos.(Orgs.) Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente. São Paulo: Mercado das Letras,2012.

FONSECA, v. da. **Desenvolvimento humano**. Da filogênese à ontogênese da motricidade. Lisboa: Editorial Notícias, 1989.

GILLIG, Jean Marie. **O conto na psicopedagogia**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é o imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? Tradução: REZENDE, Neide Luzia de; OLIVEIRA, Gabriela Rodella de. Cadernos de Pesquisa, v. 42, n145, jan/abr.2012.

SILVEIRA JÚNIOR, C. da.; LIMA, M.E.C.C.; MACHADO, A.H. Livro didático de ciências e a mediação da leitura de seus textos em sala de aula. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, v.33, n.65,p.53-69, 2015b.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 5 ed. São Paulo: Contexto 2008.

TORRES, S.; TETTAMANZY, A. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. Revista eletrônica de crítica e teorias de literaturas: Sessão aberta. Porto Alegre, v 4, n. 01, p. 01-08, jan/jun 2008.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1991.